

O VALOR DAS FRASES ATIVAS NA OBRA DE GRACILIANO RAMOS

Sebastião Expedito IGNÁCIO*

RESUMO: Trata o presente artigo de uma análise qualitativa e quantitativa das frases ativas produzidas na fala dos protagonistas de quatro obras de ficção de Graciliano Ramos (Caetés, São Bernardo, Angústia e Vidas Secas). Através dessa análise procura-se demonstrar a função daquelas estruturas lingüísticas na caracterização das personagens que as produzem.

UNITERMOS: Frases ativas, processivas, estativas; sujeito agente, paciente, experimentador, inativo; frases ativas marcadas e não marcadas.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E CONCEITOS OPERACIONAIS BÁSICOS

1.1. As relações entre a língua e a realidade do mundo biofísico

Sendo a linguagem uma representação simbólica da realidade, não deve, evidentemente, ser ela confundida com o objeto que representa. Todavia, não há como dissociar certas categorias lógico-semânticas, componentes da estrutura lingüística, dos fatos correlatos (*referentes*) pertencentes ao mundo biofísico que, afinal, constituem o universo-suporte do sistema de símbolos que é a língua.

Se retomarmos algumas das categorias definidas pelos filósofos gregos, tais como OBJETOS e PROCESSOS, poderemos verificar que a existência e a dinâmica do Universo em que vivemos fundamentam-se num dos *fenômenos* ou **Processos: Ser/Acontecer/Fazer**, em relação aos OBJETOS. E tomando-se o homem como o OBJETO fundamental na organização deste Universo, bem como levando-se em conta que a linguagem é uma criação humana, verificamos que o sistema lingüístico procura reproduzir a realidade com base nessas relações fundamentais. Assim, o homem ou é o **agente** de um **fazer**, ou o **paciente** de um **acontecer**, ou o **ponto de**

* Departamento de Lingüística – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800 – Araraquara – SP.

referência de um *ser**. Essas relações são, naturalmente, extensivas aos demais seres, animados ou não, que compõem o nosso Universo, mas que se distinguem, dentro do sistema lingüístico, pelos seus *papéis semânticos* característicos.

Na representação simbólica da realidade, a língua organiza-se com base em duas categorias fundamentais: **verbos** e **nomes**, que, de modo geral, representam o que acima chamamos *fenômenos* (correspondentes a PROCESSOS, segundo a lógica filosófica) e os **objetos**, respectivamente. E fazendo-se abstração de todas as implicações e questionamentos que tal concepção possa suscitar, pois a reconhecemos bastante simplista, podemos dizer que a língua, na sua realização concreta, processa-se através de unidades construídas com base nas relações acima. A tais unidades chamamos **frase**, e se resumem no seguinte esquema: **verbo** \rightleftharpoons **nome(s)**, onde o sentido das setas orienta a natureza *dinâmica* (\rightarrow) ou *estática* (\leftarrow) do **verbo**.

A partir dessas noções preliminares, podemos estabelecer, no plano lingüístico, uma tipologia das **frases** com base nas relações até aqui sugeridas.

1.2. Tipologia frasal

A natureza da relação entre o **verbo** e o **nome** (ou **nomes**), elementos que compõem as FRASES, depende da natureza do VERBO, isto é, segundo ele represente um **ser**, **acontecer** ou **fazer** em relação a um NOME. Ao **nome** ou aos **nomes** que estejam numa relação necessária de complementaridade com o **verbo**, ou seja, que constituam elementos obrigatórios quando da estruturação da **frase**, dá-se o nome de **participantes** ou **argumentos**. Àquele que se coloca no primeiro plano nas relações com o VERBO, em termos de hierarquia sintático-semântica, dá-se o nome de SUJEITO. Com base, pois, nas relações **verbo-sujeito**, as **frases** se classificariam, em princípios, em dois grandes grupos: (i) **frases dinâmicas**, em que a relação existente é de um **fazer** ou **acontecer**, e (ii) **frases estáticas**, em que a relação é de um **ser**. As **frases dinâmicas**, por sua vez, subdividem-se em **ativas**, se a relação é de um **fazer**, e **processivas**, se a relação é de um **acontecer**. Em consequência dessa classificação, o **sujeito** das **frases ativas** caracteriza-se como **agente** e o **verbo** como **verbo de ação**. Nas **frases processivas**, o **sujeito** caracteriza-se como **paciente** ou como **experimentador**, e o **verbo** como **verbo DE PROCESSO**. Nas **frases estáticas**, o **sujeito** caracteriza-se como **inativo** (em alguns casos como **experimentador**), e o **verbo** será de **estado**.

Pode ocorrer, ainda, que determinado VERBO estabeleça, além da relação **ativa** com o **sujeito**, uma relação de PROCESSO com o complemento à sua direita (tradicionalmente chamado *objeto*), que se torna *afetado* pela ação verbal. Neste caso, temos um **verbo de ação-processo**; a **frase** será **ativa-processiva**, e o **sujeito** será um **agente**, um **causativo** ou um **instrumental**.

O quadro a seguir resume o que dissemos:

* Os fenômenos arrolados sob o rótulo de SER englobam *estar*, *existir*, *pertencer*, enfim, tudo o que, em oposição a uma dinâmica do *fazer/acontecer*, indique um *estado*.

Tipos de FRASES	Tipos de VERBOS	Tipos de SUJEITOS	Exemplificação
ATIVA	AÇÃO	AGENTE	Uma hora antes <i>caminhava</i> com animação. (A)*
PROCESSIVA	PROCESSO	PACIENTE	O sol <i>descambava</i> . (VS)*
		EXPERIMENTADOR	Fabiano <i>enterneceu-se</i> . (VS)*
ATIVA- PROCESSIVA		AGENTE	<i>Acendi</i> o cachimbo. (SB)*
		CAUSATIVO	Aquilo me <i>irritava</i> . (SB)*
		INSTRUMENTAL	Uma colcha <i>cobria</i> o piano. (C)*
ESTATIVA	ESTADO	INATIVO	Na planície avermelhada, os juazeiros <i>alargavam</i> duas manchas verdes. (VS)*
		EXPERIMENTADOR	<i>Gosto</i> de café. (A)*

* (A) = *Angústia*; (VS) = *Vidas Secas*; (SB) = *São Bernardo*; (C) = *Caetés*

1.3. Frases ativas POSITIVAS

Ao limitarmos o nosso trabalho à análise das estruturas frasais **ativas** na obra de Graciliano Ramos (incluindo-se aí as **ativas-processivas**), com a intenção de demonstrar o valor de tais estruturas na caracterização dos protagonistas (**agentes** dessas unidades de fala), tivemos de estabelecer uma distinção que se afigura fundamental, tendo em vista a natureza do trabalho, entre frases **ativas** que expressam ações *espontâneas, normais, comuns* na vida do indivíduo, e que se mostram como que necessárias à vida quotidiana, e aquelas ações que indicam uma atitude *marcada* pelo desejo ou intenção de *agir sobre o mundo*, no sentido de *modificar uma realidade, um estado de coisas*. Ao primeiro tipo chamamos frases ativas NÃO MARCADAS, e ao segundo chamamos frases ativas MARCADAS ou POSITIVAS.

A característica da ação POSITIVA só se define em face de uma dimensão pragmática, isto é, em face de uma situação ou de um contexto que permita a *voluntariedade* do agente e as conseqüências *positivas*, no sentido em que aqui se concebe este termo, das ações praticadas. Como trabalhamos com as personagens de um romance, temos que levar em conta, evidentemente, toda a dimensão contextual, não só em vista das situações momentâneas em que se inserem as falas, mas também em relação à função da personagem dentro da história que compõe o universo da obra.

Esta distinção entre frase ativa **não marcada** e **marcada** ou **positiva** torna-se, conseqüentemente, *decisiva*, pois será em virtude dela que tentaremos caracterizar os protagonistas de cada obra analisada. Assim, quando afirmamos que Paulo Honório caracteriza-se como um indivíduo ATIVO, capaz de tomar decisões, alcançar objetivos, enfim, capaz de *agir sobre o mundo em que vive e modificar a realidade que o cerca*, ao passo que João Valério é incapaz de fazer o mesmo, e procuramos demonstrar isso através das estruturas frasais de seus discursos, é porque no discurso do primeiro predominam significativamente as frases POSITIVAS, enquanto no discurso do segundo esse tipo de frase se torna insignificante tanto qualitativa quanto quantitativamente*.

Eis alguns exemplos:

a) Ações NÃO MARCADAS:

“Aproximei-me do sofá , onde Isidoro e Nazaré conversavam em voz baixa, sentei-me ao lado deles. (...) Saí. Ao atravessar o salão, encostei-me a uma parede porque os móveis em torno começavam a girar. (...) Como uma criança, acompanhei Isidoro. E como uma criança, comecei a dar pancadas na testa com a mão fechada.” (C., p. 211-14)

b) Ações POSITIVAS:

“Efetuei transações arriscadas, endividei-me, importei maquinismos e não prestei atenção aos que me criticavam. (...) Iniciei a pomicultura e a avicultura. Para levar os meus produtos ao mercado, comecei uma estrada de rodagem.” (SB., p. 99)

* A *qualidade* das frases ativas avalia-se à medida que essas frases tenham uma função decisiva no interior da narrativa, no sentido em que consideramos as ações positivas da personagem.

Por fim, é preciso dizer que um mesmo verbo pode compor tanto uma frase de ação POSITIVA quanto uma de ação NÃO MARCADA. Assim, uma frase como “comecei uma estrada de rodagem” não terá o mesmo estatuto que “comecei a dar pancadas na testa com a mão fechada”. É esta a razão de nossa insistência no fato de que a caracterização das frases, neste trabalho, se faz em face da dimensão pragmática que envolve as ações ou atos das personagens enquanto participantes da história do romance, e não meramente pela natureza ou valor semântico dos verbos isolados do contexto. Fato, aliás, que deverá orientar toda e qualquer análise da frase lingüística, principalmente quando se trata de analisar a fala de personagens.

1.4. Uma nota sobre o homem em Graciliano Ramos

Em princípio, poderíamos dizer que o homem na obra de Graciliano Ramos não se realiza plenamente porque está sempre condicionado ao meio em que vive. Há sempre um obstáculo que se lhe impõe não só pela sociedade como também pela própria natureza (v.g. *Vidas Secas*). Um dos grandes dramas do homem de Graciliano é a *dúvida* que lhe assola, provinda justamente do condicionamento a que está sujeito e que se fundamenta em questões diversas, tais como: morais, religiosas, sociais, econômicas, políticas, filosóficas e, como dissemos, as ditadas pela própria natureza. De modo geral, pode-se dizer que o homem de Graciliano Ramos se vê angustiado e *impedido de agir*.

Há, no entanto, um de seus protagonistas que se configura como exceção. Trata-se de Paulo Honório, protagonista de *São Bernardo*. É o único que vence obstáculos, que progride materialmente e que se pode caracterizar como um agente POSITIVO, no sentido em que é capaz de modificar o mundo que o oprime. Todavia, mesmo Paulo Honório, homem forte que é, cai em profunda depressão após a morte da esposa, como se todos os seus atos tivessem sido em vão. Por outro lado, conserva a altivez e a impassividade diante da tragédia, não demonstrando nenhum remorso ostensivamente.

Essa perda de interesse, e essa queda acentuada na dinâmica das ações mais *positivas*, constitui uma característica marcante e digna de nota no comportamento de João Valério (*Caetés*), Paulo Honório (*São Bernardo*) e Luís da Silva (*Angústia*). Uma vez satisfeitos os anseios mais imediatos, estes parecem perder a razão de ser. Daí o arrefecer das ações de João Valério, após a morte de Adrião e a conseqüente viuvez (“liberação”) de Luísa; de Paulo Honório, após a morte de Madalena (a esposa era um obstáculo à sua ânsia desenfreada de poder); e de Luís da Silva, após a morte do rival, Julião Tavares.

Fabiano (*Vidas Secas*) talvez seja o único a quem não se possa atribuir esta característica, uma vez que os seus anseios eram muito mais práticos e instintivos: vencer obstáculos para sobreviver, fato que lhe exigia uma luta *constante* contra o meio. Por outro lado, essa luta limitava-se ao que era essencialmente necessário à sobrevivência, isto é, plantar, colher, alimentar-se do que a natureza lhe oferecesse. Ele não

tinha como *agir* sobre o meio e modificar a realidade, embora isso o angustiasse profundamente pois, no íntimo, não se conformava com tal realidade. O fato é que não possuía condições intelectuais ou grau de instrução suficiente para agir *positivamente*, ainda que tivesse a intuição de que as relações entre dominantes e dominados não eram justas nem corretas.

Essa angústia, que está sempre presente nos heróis de Graciliano Ramos, demonstra que eles não são meros produtos e instrumentos do meio; por isso não são, intimamente, conformistas, nem aceitam de modo passivo as imposições, ainda que, na prática, apenas Paulo Honório *age* no sentido de *procurar vencer*. Como afirma Antonio Candido (1), o drama íntimo e a força espiritual do homem de Graciliano Ramos não são meros frutos do meio. O meio pode ser o desencadeador do conflito, não porém o modelador do espírito.

Resumindo, assim poderíamos descrever as características dos quatro heróis cujas ações analisamos:

João Valério: apenas *convive* com o mundo que o cerca. Adapta-se perfeitamente ao marasmo da vida pacata da cidade em que vive. Passa todo o tempo tentando escrever a sua novela sobre os índios caetés. Não é capaz de levar às últimas consequências o seu anseio maior – o amor por Luísa, uma mulher casada. E quando esta se enfiava, ocorre o que já sabemos: ele perde o interesse.

Luís da Silva: Antonio Candido (1) sintetiza muito bem algumas das características do herói de *Angústia*: nojo, inércia e desespero. Na verdade, todo o seu drama é vivido intimamente e o único ato externo *positivo* que pratica é o assassinato do rival. E este ato lhe custa enorme sacrifício, pois trava uma luta renhida com o seu próprio instinto. Talvez o que o leve a praticar o crime seja um fato de natureza psicológica, conforme afirma Helmut Feldmann (2), para “libertar-se da humilhação e da fraqueza.”

Paulo Honório: o mais *ativo* de todos eles. O único que se destaca por ser capaz de agir *positivamente*. Ainda que simbolize todo o mal do capitalismo selvagem, do arrivismo e dos métodos mais escusos na busca do poder, ele se configura como um indivíduo que desconhece obstáculos. O meio não é capaz de sufocar as suas aspirações. Nem o meio nem a condição de homem bruto, iletrado.

Fabiano: a mais pura das criaturas de Graciliano Ramos. Ainda é Antonio Candido quem afirma: “Parece que, fatigado da brutalidade esterilizante de Paulo Honório e do niilismo de Luís da Silva, Graciliano quis oferecer da sua vida uma visão, sombria é verdade, mas não obstante limpa e humana.” (1, p. 17). Por isso, criou Fabiano.

Em síntese: João Valério – frouxo, medíocre; Paulo Honório – possessivo, violento, impiedoso; Luís da Silva – um furioso contra a própria vida, impiedoso consigo mesmo, sujo; Fabiano – puro.

O nosso trabalho consiste, assim, em demonstrar que o caráter de cada protagonista revela-se pela análise lingüística à medida que produzam frases de ação MARCADA ou POSITIVA: VS frases de ação NÃO MARCADA.

2. O VALOR DAS FRASES ATIVAS NAS QUATRO OBRAS DE GRACILIANO RAMOS: CAETÉS, SÃO BERNARDO, ANGÚSTIA E VIDAS SECAS

Na explanação que se segue não comentaremos, evidentemente, frase por frase, mas tão-somente os modelos representativos. No final, apresentamos um quadro e um gráfico que retratam os resultados a que chegamos após uma exaustiva análise qualitativa e quantitativa de todas as frases ativas constantes das quatro obras.

2.1. Caetés

Nesta obra, o primeiro dado relevante é a quantidade de frases ativas indicadoras de ações *positivas*, no sentido em que as definimos. Menos de 19% das frases ativas constantes do discurso de João Valério revelam iniciativas do personagem no sentido de modificar o estado de coisas que se estabelece à sua volta, de tentar alcançar um objetivo, enfim, de *agir sobre o mundo* visando transformá-lo. O restante das frases, mais de 81%, expressa ações naturais, próprias de todo ser humano na sua vida normal em sociedade ou nos hábitos individuais mais comuns. E mesmo dentre as frases que se podem dizer de ações *positivas*, grande parte afigura-se como atos inevitáveis diante das circunstâncias em que o personagem se encontra, ou até como atos constringedores, ou seja, de cuja prática o autor (ator) arrepende-se ou se lamenta. Veja-se por exemplo:

“(...) *retirei-me* aniquilado. Na rua *considere* com assombro a grandeza do meu atrevimento. Como *fiz* aquilo? Deus do céu! *Lançar* em tamanha perturbação uma criaturinha delicada e sensível!” (p. 25-6)

É interessante observar que João Valério só age com impetuosidade e de maneira decisiva em duas ocasiões. Uma, quando decide levar seu amor por Luísa às últimas conseqüências:

“*Soltei-lhe* as mãos, *agarrei-lhe* a cabeça, *beijei-a* na boca, devagar e com voracidade. *Apertei-a*, *machucando-lhe* os peitos, *morden-do-lhe* os beijos e a língua.” (p. 160)

No entanto, a sua impetuosidade aqui é ditada pelo instinto sexual...

Outra vez em que toma uma atitude *positiva* é quando tenta agredir o Dr. Castro, no bar, durante um jogo de bilhar. Mas ainda não chega às vias de fato, pois o amigo Isidoro intervém:

“E *afastei* o Silvério, (...) *Empurrei* brutalmente o Pascoal, (...) *desprendi-me* das mãos do italiano e *agarrei* um taco, *resolvido a quebrá-lo* na cabeça do promotor (...) *Não acabei* o insulto. Isidoro segurou o braço do bacharel e cochichou: – Não repita, Doutor, não repita.” (p. 194-5)

Outras ações, que se poderiam classificar como *positivas*, ora são hipotéticas, ora inconseqüentes, ora preventivas ou cautelares, ora são negativas:

- a) “(...) *construí* uma cerca de troncos, *enterrei* aqui e ali camucins com esqueletos, *espetei* em estacas um número razoável de caveiras e, prudentemente, *dei* a descrição por terminada.” (p. 59)
- b) “(...) à noite *fazia-lhe* sozinho confidências apaixonadas e *passava* uma hora, antes de adormecer, a *acariciá-la* mentalmente.” (p. 26)
- c) “(...) *escondi-me* na multidão para *evitar* Marta, Dona Engrácia e a Teixeira.” (p. 131)
- d) “(...) *não ousava* encarar Nazaré. (...) Eu *não posso casar* com uma mulher casada.” (p. 186-7)

E, assim, a grande maioria das frases ativas exprimem ações que se caracterizam como *normais*, absolutamente necessárias no dia-a-dia de qualquer indivíduo:

- “*Fui colocar* a xícara na bandeja.” (p. 25)
 “*Percorri* à toa as ruas desertas (...)” (p. 30)
 “*Puxei* de novo o relógio.(...) *Levantei-me*(...) *agradei* e *recolhi-me*. *Deitei-me* vestido, às escuras (...) *Ergui-me*, *procurei* pelo tato o comutador, *sentei-me* à banca, *tirei* da gaveta o romance. *Li* a última tira.” (p. 38)

Como se vê, são ações quase que automáticas, onde predominam os verbos de movimento em ações comuns do cotidiano. E a falta total de iniciativa de João Valério e o seu desinteresse por Luísa, a partir do momento em que ela fica viúva – talvez pelo medo de assumir uma responsabilidade mais séria –, são fatos que se atestam no último parágrafo do capítulo 29:

- “*Fui* até a porta da saleta, *voltei-me* ainda uma vez. Luísa soluçava, caída por cima do piano. *Vacilei* um instante, depois *saí*.” (p. 233)

2.2. São Bernardo

Aqui as frases ativas têm um significado digno de nota. Cerca de 80% delas se caracterizam como ações *positivas*, retratando fielmente a personalidade do protagonista. Paulo Honório, ao contrário de João Valério, destaca-se pela impetuosidade, pela capacidade de tomar decisões, pelos métodos eficientes e eficazes de que se utiliza para a consecução de seus objetivos. Enfim, trata-se de um personagem que age sobre o mundo em que vive com a intenção de modificá-lo e de adaptá-lo às suas conveniências. Pode-se dizer que enquanto em *Caetés* as ações do protagonista são banais, automáticas, quase instintivas, em *São Bernardo* são mínimas as ações desse tipo. Diríamos até que Paulo Honório não *desperdiça* os seus atos. As atitudes mais banais, mais corriqueiras, sempre se revelam úteis à consecução de objetivos maiores e mais significativos.

Paulo Honório, como João Valério, também escreve uma obra dentro da história do romance. Com a diferença de que o protagonista de *São Bernardo* tem objetivos imediatos e definidos, além de agir racionalmente no sentido de facilitar o trabalho e obter benefícios próprios:

“Antes de *iniciar* este livro, imaginei *construí-lo* pela divisão do trabalho. (...) Padre Silvestre ficaria com a parte moral e as citações latinas; João Nogueira aceitou a pontuação, a ortografia e a sintaxe; *prometi* ao Arquimedes a composição tipográfica; para a composição literária, *convidei* o Lúcio Gomes de Azevedo Gondim, redator e diretor do Cruzeiro. Eu *traçaria* o plano, *introduziria* na história rudimentos de agricultura e pecuária, *faria* as despesas e *poria* o meu nome na capa.” (p. 61)

Note-se que seria uma obra a várias mãos, todavia Paulo Honório tivera o cuidado (e a acuidade) de escolher as pessoas certas e sobre as quais ele teria ascendência, e, o mais importante, a obra sairia *com o seu nome na capa*.

Logo no segundo capítulo, o narrador-protagonista faz uma síntese dos seus objetivos, que nos são revelados por meio de uma série de orações ativas:

“O meu fito na vida foi *apossar-me* das terras de S. Bernardo, *construir* esta casa, *plantar* algodão, *plantar* mamona, *levantar* a serraria e o descaroador, *introduzir* nestas brenhas a pomicultura e a avicultura, *adquirir* um rebanho regular.” (p. 65)

Como exemplo de suas atitudes decididas e decisivas, citemos algumas passagens relevantes do romance.

a) ao narrar a sua vida pregressa:

“Até os dezoito anos *gastei* muita enxada *ganhando* cinco tostões por doze horas de serviço. Ali *pratiquei* o meu primeiro ato digno de referência. (...) *abreequei* a Germana (...), *arrochei-lhe* um beliscão retorcido na popa da bunda. (...) O resultado foi *arrumar* uns cocorotes na Germana e *esfaquear* João Fagundes.” (p. 68)

“(...) *esperneei* nas unhas do Pereira. (...) Depois *vinguei-me*; (...) *tomei-lhe* tudo, *deixei-o* de tanga. (...) *briguei* com gente que fala aos berros e *efetuei* transações comerciais de armas engatilhadas. (...) *cal-lhe* em cima, de supetão. *Amarrei-o*, *meti-me* com ele na caçoeira, *estraguei-lhe* os couros nos espinhos (...).” (p. 69)

b) ao contar como se apossou de S. Bernardo, propriedade que pertencia a Luís Padilha, filho de seu antigo patrão:

“*Travei* amizade com ele e em dois meses *emprestei-lhe* dois contos de réis (...), *afrouxei* mais quinhentos mil réis.” (p. 69)

“*Sentei-me* num banco e *apresentei-lhe* as letras. (...) *Deduzi* a dívida, os juros, o preço da casa, e *entreguei-lhe* sete contos e quinhentos e cinqüenta mil réis. Não tive remorso.” (p. 78-81)

c) ao falar de suas diligências político-financeiras:

“(...) *escrevi* algumas cartas aos bancos da capital e ao governador do Estado. Aos bancos *solicitei* empréstimos, ao governador *comuniquei* a instalação próxima de numerosas indústrias e *pedi* dispensa de imposto sobre maquinismos que importasse.” (p. 89)

“No outro dia, sábado, *matei* carneiro para os eleitores.” (p. 90)

d) de seus métodos escusos para ampliar a propriedade:

“Depois da morte do Mendonça, *derrubei* a cerca, naturalmente, e levei-a para além do ponto em que estava (...).” (p. 96)

e) de seu caráter violento:

“(...) *arrei-me* de um rebenque, *desci* à cidade.” (p. 125)

“(...) *passei-lhe* os gadanhos no cachaço, *dei-lhe* um bando de chicotadas.” (p. 128)

“*Mandei-lhe* o braço ao pé do ouvido e *derrubei-o*.” (p. 166)

É de notar-se que somente a partir da morte da mulher as suas ações se despojam daquele caráter *positivo*, e ele passa a agir um tanto maquinalmente, retomando a idéia de escrever o seu livro:

“*Levanto-me*, *procuro* uma vela, que a luz vai apagar-se. (...) *Deitar-me*, *rolar* no colchão até a madrugada, é uma tortura. *Prefiro ficar sentado*, *concluindo* isto. *Amanhã não terei* com que *me entreter*. (...) De longe em longe *sentto-me fatigado e escrevo* uma linha.” (p. 246)

Finalmente é preciso observar, com relação ao comportamento de Paulo Honório, que ele próprio tem consciência da inutilidade dessas ações a que chamamos *não marcadas*. Basta considerarmos os trechos acima para constatarmos a sua angústia por não estar agindo de modo *positivo*. Era-lhe altamente constrangedor saber que no dia seguinte não teria nada “com que se entreter”. Por outro lado, era-lhe até humilhante não ter o que fazer:

“Cinquenta anos! Quantas horas inúteis! *Comer e dormir* como um porco! Como um porco! *Levantar-me* cedo todas as manhãs e *sair correndo*, *procurando* comida!” (p. 246)

2.3 Angústia

Se João Valério (*Caetés*) não consegue realizar nenhum feito digno de nota, isto é, não *age positivamente* (não casa com a mulher amada nem conclui o seu livro), Paulo Honório (*São Bernardo*) e Luís da Silva (*Angústia*) apresentam, ao final do romance, alguns feitos a que chamamos *positivos*. A diferença, no entanto, entre os dois últimos protagonistas é bastante grande. O grande feito de Paulo Honório é a

conquista (posse) da fazenda São Bernardo, mas a sua atuação é marcada por atos decisivos: ele luta, coage, pressiona, chantageia, mata (ou manda matar), enfim, é um personagem extraordinariamente *ativo*. É um indivíduo que *age* muito mais do que *pensa* (em termos de discurso da narrativa), como atesta o alto índice de frases ativas *positivas*. Luís da Silva, por sua vez, também realiza o seu “grande feito”: assassina o rival (Julião Tavares). Todavia, esta é a sua única ação *positiva*, pois, de resto, ele apenas *curte a sua angústia* (tanto antes quanto depois da morte do rival), agindo sempre como um autômato. Não sendo capaz de conquistar a mulher amada (Marina), ele remói a derrota e o ciúme durante todo o tempo. E, após haver matado Julião Tavares, cai numa depressão tremenda e adoece.

A pequena porcentagem de frases ativas *positivas*, em face das ações *não marcadas*, evidencia a atuação frouxa do protagonista de *Angústia*: menos de 17% das frases ativas caracterizam-se como *positivas*. Esse número mostra a grande semelhança, em termos de ação, entre Luís da Silva e João Valério, com a diferença de que o primeiro, além de ser um personagem muito mais denso, e psicologicamente mais complexo, chega a praticar um ato extremo: um assassinato. Mas, de resto, os atos de ambos se assemelham: são atos biofísico-emocionais ou ações normais do cotidiano. Luís da Silva pensa muito mais do que age.

Mesmo as ações que se poderiam considerar *positivas* semanticamente são, muitas vezes, inconseqüentes, pois se caracterizam como meras *tentativas* ou *ações frustradas*:

“*Procuro afastar* de mim essa criatura. (...) *Enxoto* as imagens lúgubres. (...) *Esforço-me* por *desviar* o pensamento dessas coisas. (...) *Tento distrair-me* olhando a rua.” (p. 21)

“E *meti-me* no primeiro bonde que passou. Mas *não consegui desembaraçar-me* do homem.” (p. 57)

“Desejei *atirar* todos aqueles paralelepípedos em cima de Julião Tavares. (...) *Esforçava-me* por *conversar*.” (p. 89-90)

Outras vezes são ações que visam remediar um fracasso, ou fugir de situações incômodas:

“(...) *consegui enganar-me* e *evitei* remorsos.” (p. 30)

“*Entro* no quarto e *procuro* refúgio no passado.” (p. 31)

“*Resolvi desertar* para uma dessas terras distantes. *Abandonei* a vila, (...)” (p. 35)

“(...) *fingi não vê-lo*, *entrei* numa loja para *não falar* com ele.” (p. 83)

Embora passe todo o tempo remoendo um ódio terrível, raramente chega a externar a sua cólera ou a ter atitudes violentas. Mesmo nessas ocasiões os seus atos não têm maiores conseqüências:

“*Empurrei* a porta brutalmente, o coração estalando de raiva, e *fiquei em pé* diante de Julião Tavares, sentindo um desejo enorme de *apertar-lhe* as goelas.” (p. 87)

“Avancei dois metros, fiz meia volta e achei-me em frente de Marina. (...) Examinei-lhe brutalmente a barriga (...) E atirei-lhe à cara com raiva: Puta!” (p. 184)

Nos encontros com Marina toma iniciativas, naturalmente movido pelo desejo sexual:

“Levantei-me, tomei-lhe os dedos. (...) Apertei-lhe a mão, mordi-a, mordi o pulso e o braço. (...) Desloquei as estacas podres, puxei Marina para junto de mim, abracei-a, beijei-lhe a boca, o colo. Enquanto fazia isto, as minhas mãos percorriam-lhe o corpo.”

Mas as ações mais decisivas, o seu grande ato, estariam nos preparativos e na execução do assassinato de Julião Tavares. Impressionam a habilidade e a presteza com que se atira sobre o rival, passa-lhe a corda pelo pescoço e o pendura numa árvore:

“Retirei a corda do bolso e em alguns saltos, silenciosos como os das onças de José Bafa, estava ao pé de Julião Tavares.(...) A corda enlaçou o pescoço do homem, e as minhas mãos apertadas afastaram-se.” (p. 201)

“Desembaracei a mão direita e numa das extremidades da corda fiz um laço.” (p. 204)

“Curvei-me procurando a cabeça de Julião Tavares. (...) Prendi nos dentes a outra ponta da corda, subi a cerca, trepei-me num galho de árvore. E comecei o trabalho de guindar o morto.(...) Segurei a corda com o intuito de amarrá-la.” (p. 205). “Passei rápido a corda pelo galho.” (p. 209)

Após a morte de Julião Tavares, Luís da Silva passa a uma fase de depressão e delírio, agindo automaticamente. De imediato, a sua grande preocupação foi destruir as marcas do crime, tal como lavar-se, destruir a roupa que usava na ocasião etc.:

“(...) esfreguei cuidadosamente as mãos e os cabelos. (...) Banhava-me devagar para não fazer barulho.” (p. 217)

“A gravata estava enrolada como uma corda (...) senti a necessidade de destruí-la. Cortei-a em pedacinhos (...). Cortaria depois a calça e o paletó.” (p. 219-20)

As demais ações são normais ou não marcadas como:

“Enrolei-me na toalha e voltei à sala (...). Acendi um cigarro e bebi mais aguardente. (...) Olhei a parede (...) aproximei-me, estirei o pescoço (...) fiquei nas pontas dos pés. (...) Enchi o copo e continuei a beber.” (p. 217)

E assim essas ações vão se repetindo até a exaustão. Luís da Silva mergulha-se nas lembranças:

“*Pensei em Cirilo de Engrácia (...).*” (p. 216)

“*Volto a ser criança, revejo a figura de meu avô (...).*” (p. 23)

“*Penso nas minhas misérias passadas, (...) Lembro-me de vultos bisinhos (...).*” (p. 157)

Reiteramos, afinal, que a grande maioria das ações do protagonista de *Angústia*, como bem demonstram os números (q.v. quadro no final), são aquelas que expressam as necessidades vitais: “ir”, “vir”, “andar”, “comer”, “beber”, “sentar-se”, “levantar-se”, “deitar-se” etc. etc.

2.4 Vidas Secas

Já dissemos que Fabiano é o personagem mais *puro* que Graciliano Ramos conseguiu criar. Sendo um indivíduo rude, quase primitivo, não havendo sofrido os efeitos corruptores da civilização, mantém as suas ações em nível das necessidades imediatas, daquilo que o meio lhe exige para a sobrevivência. Assim, as ações *positivas* em *Vidas Secas* são numericamente insignificantes. Elas se equivalem, em quantidade, às de *Angústia* e *Caetés*; todavia, seria ingênuo comparar Fabiano a Luís da Silva ou a João Valério, pois o protagonista de *Vidas Secas* deixa de agir não propriamente pela falta de iniciativa, por covardia, medo ou preconceito, mas tão-somente por causa de duas forças que o oprimem: a sua condição de analfabeto, homem rude, “quase um bicho”, e a grande adversidade do meio físico em que vive.

Sendo Fabiano um indivíduo condicionado a obedecer, que vê nas autoridades e nos padrões algo mítico, inatacável, deixa de praticar a ação que seria o seu “grande ato”: assassinar o soldado amarelo. Não o faz porque, para ele, o soldado representa o governo, e “governo é governo”. Por isso, dos 17,8% de ações que se podem considerar como *positivas*, umas caracterizam iniciativas no sentido de *modificar o meio-ambiente para permitir ou facilitar a sobrevivência*; outras caracterizam atitudes em relação à família, aos animais domésticos (v.g. a cachorra Baleia, um quase membro da família) e em relação às poucas pessoas estranhas com quem mantém contato; outras, ainda, dizem respeito às suas atitudes em relação às autoridades. Vejamos:

a) em relação à família e à cachorra Baleia:

“O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão.

– Anda, condenado do diabo, *gritou-lhe* o pai. Não obtendo resposta, *fustigou-lhe* com a bainha da faca de ponta. (...) Fabiano ainda lhe *deu algumas pancadas* e *esperou* que ele se levantasse. (...) O pirralho não se mexeu, e Fabiano *desejou matá-lo.*” (p. 43-4)

“Fabiano a princípio *concordara* com ela [= Sinha Vitória], *mastigara cálculos*, tudo errado. (...) Fabiano *condenara* os sapatos de verniz que ela usava nas festas.” (p. 77)

“Fabiano resolveu *matá*-la [= a cachorra Baleia]. *Foi buscar* a espingarda de pederneira, *lixou-a, limpou-a (...)* fez *tenção* de *carregá*-la bem para a cachorra não sofrer muito. (...) *adiantou-se* mais uns passos. (...) *modificou* a pontaria e *puxou* o gatilho.” (p. 127-30)

b) em relação ao meio e aos recursos naturais de sobrevivência:

“Fabiano *procurou em vão perceber* um toque de cocalho. *Avizinhou-se* da casa, bateu, *tentou forçar* a porta. (...) *penetrou* num cercadinho cheio de plantas mortas, *rodeou* a tapera, *alcançou* o terreiro do fundo. (...) *Trepou-se* no mourão do canto, *examinou* a caatinga. *Desceu, empurrou* a porta da cozinha. (...) *Foi apanhar gravetos*, (...) *arrancou* touceiras de capim, (...) *arrumou* tudo para a fogueira.” (p. 47)

“(...) *Não poderia vencer* três léguas que o separavam da cidade. *Descalçou-se, meteu* as meias no bolso, *tirou* o paletó, a gravata e o colarinho, *roncou aliviado*.” (p. 112)

c) em relação às pessoas estranhas e aos donos do poder – a condição de pessoa rude, primitiva, que tinha mais contato com os bichos do que com os seres humanos, faz de Fabiano um indivíduo desconfiado de tudo que cheirasse a civilização. Todavia era humilde e submisso. Há sempre uma justificativa para os atos mais agressivos:

“*Apossara-se* da casa porque não tinha onde cair morto.” (p. 54)

“O outro continuou a pisar com força. Fabiano impacientou-se e *xingou* a mãe dele.” (p. 66)

O seu grande drama era não poder agir contra a autoridade:

“*Mexeu-se* para *sacudir* o chapéu de couro nas ventas do agressor. (...) *Olhou* as coisas e as pessoas em roda e *moderou* a indignação. Na caatinga às vezes *cantava de galo*, na rua *encolhia-se*.” (p. 65)

“(...) *voltou-se* e deu de cara com o soldado amarelo (...). Tinha vontade de *levantar* o facão de novo. Tinha vontade, mas os músculos afrouxaram. Realmente *não quisera matar* um cristão.” (p. 114)

Fabiano reconhecia que a sua ignorância prejudicava a comunicação com outras pessoas que não fossem da família:

“Às vezes *dizia* uma coisa sem intenção de ofender, entendiam outra, e lá vinham questões. Perigoso *entrar* em bodega.” (p. 141)

Mas, no fundo, ele sentia que deveria agir, e chega a levantar hipóteses sobre ações mais *positivas* e “dignas”. O empecilho era a família:

“Se não fossem eles... (...), *sairia* dali como onça e *faria* uma asneira. *Carregaria* a espingarda e *daria um tiro* de pé de pau no soldado

amarelo. (...) *Mataria* os donos dele. *Entraria* num bando de canga-ceiros e *faria estrago* nos homens que dirigiam o soldado amarelo.” (p. 75)

Todavia essas possíveis ações *positivas* jamais se realizariam. Ele tinha consciência de que sua condição sócio-econômica não lhe permitia nem agir nem progredir: “(...) quem é do chão *não se trepa*.” (p. 135)

E assim, em *Vidas Secas* a grande maioria das ações resume-se às atitudes naturais, comuns, estritamente necessárias à sobrevivência:

“*Chegou. Pôs* a cuia no chão, *escorou-a* com pedras, *matou a sede* da família. Em seguida *acocorou-se*, *remexeu* o aió, *tirou* o fuzil, *acendeu* as raízes de macambira *soprou* as labaredas, (...)” (p. 50)

“*Pisou* com firmeza o chão gretado, *puçou* a faca de ponta, *esgaravato*u as unhas sujas. *Tirou* do aió um pedaço de fumo, *picou-o*, *fez um cigarro* com palha de milho, *acendeu-o* ao binga, *pôs-se a fumar* regalado.” (p. 53)

E assim por diante.

2.5. Apresentação numérica das frases ativas nas quatro obras analisadas

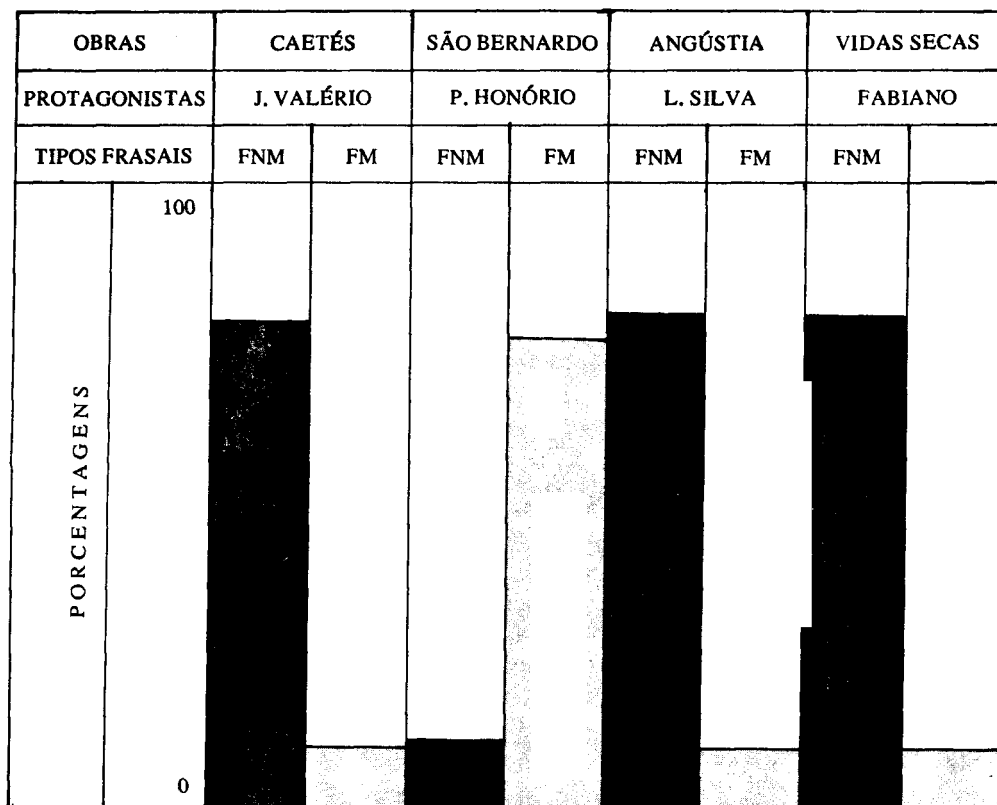
O quadro abaixo indica as ocorrências das frases ativas, *marcadas* e *não marcadas*, nas quatro obras: *Caetés*, *São Bernardo*, *Angústia* e *Vidas Secas*.*

OBRAS	Nº Total de Frases Ativas	Nº de Frases Não Marcadas (FNM)	%	Nº de Frases Marcadas (FM)	%
CAETÉS	1.002	814	81,3	188	18,7
SÃO BERNARDO	863	181	21,0	682	79,0
ANGÚSTIA	2.060	1.712	83,1	350	16,9
VIDAS SECAS	1.021	839	82,2	182	17,8

2.5.1. Gráfico correspondente ao quadro acima

O gráfico que se segue permite uma visualização do comportamento dos protagonistas, segundo a *atividade* detectada pela análise de seus discursos.

* A ordem em que aparecem as obras coincide com as datas de suas primeiras publicações, todavia há uma outra razão de ser: em trabalho por nós realizado, demonstra-se que há uma evolução da linguagem de Graciliano Ramos da primeira para a última obra, com relação à caracterização das personagens.



3. CONCLUSÕES

O presente trabalho permitiu-nos algumas conclusões importantes, seja em relação à projeção do caráter das personagens na tipologia frasal de seus discursos, seja com relação à validade desta técnica de comprovação das características das personagens pela análise das frases que compõem esses discursos.

1. A quantidade de frases ativas POSITIVAS mostra que, dos quatro protagonistas, apenas Paulo Honório se pode caracterizar como um personagem ATIVO. Os demais se caracterizam pela inércia, pela incapacidade de agir sobre o mundo em que vivem e de modificá-lo.

2. Finalmente, diríamos que os resultados a que chegamos, com relação à caracterização das personagens de Graciliano Ramos, coincidem com o que a crítica especializada e os estudiosos do autor têm afirmado. Nós apenas nos utilizamos de uma outra técnica, menos literária e mais lingüística, à medida que partimos da análise de estruturas frasais. Esta constatação parece confirmar a nossa posição de que a linguagem não se dissocia da realidade.

IGNÁCIO, S. E. – The value of active sentences in Graciliano Ramos. *Alfa*, São Paulo, **33**: 29-45, 1989.

ABSTRACT: This paper is a quantitative and qualitative study of the active sentences found in the speech of the main characters of four fiction books by Graciliano Ramos (Caetés, São Bernardo, Angústia and Vidas Secas). By analysing those linguistic structures, we are able to demonstrate how such structures determine the characterization of the protagonists.

KEY-WORDS: Active, processive, stative sentences; agent, patient, experiencer, inactive subject; marked and non-marked sentences.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CANDIDO, A. – Ficção e confissão. Prefácio a *Caetés*. 6. ed. São Paulo, Liv. Martins Editora, 1961.
2. FELDMANN, H. – Graciliano Ramos: reflexos de sua personalidade na obra. In: GARBUGLIO, J. C. *et alii* – *Graciliano Ramos*, São Paulo, Ática, 1987.
3. RAMOS, G. – *Caetés*. 6. ed. São Paulo, Liv. Martins Editora, 1961.
4. RAMOS, G. – *São Bernardo*. 17. ed. São Paulo, Liv. Martins Editora, 1972.
5. RAMOS, G. – *Angústia*. 13. ed. São Paulo, Liv. Martins Editora, 1971.
6. RAMOS, G. – *Vidas Secas*. 28. ed. São Paulo, Liv. Martins Editora, 1971.